



Resenha de Santana (2015): Quando me descobri negra

Marcos Antonio Batista da Silva

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Santana, Bianca (2015). *Quando me descobri negra*. São Paulo: Sesi-SP. ISBN: 978-85-8205-656-1

Bianca Santana é doutoranda em Ciência da Informação. Mestre em Educação, Jornalista, professora universitária e autora. Neste livro muito especial, “Quando me descobri negra” o assunto abordado pela autora também se relacionam à minha trajetória acadêmica de pesquisador e à reduzida atenção dada ao tema, a despeito de sua importância na academia. Eu me autodeclaro negro, e tive desde a infância um convívio com narrativas sobre questões relacionadas ao preconceito e às desigualdades. Contudo, esta preocupação se tornou mais evidente à medida que a minha trajetória educacional se desenvolveu.

Escrever sobre qualquer aspecto de como é ser negro no Brasil, em particular, ser mulher negra no país é falar que a desigualdade e a pobreza têm cor no Brasil e isto faz com que nossas políticas sociais, supostamente universais, terminem por obter resultados insuficientes, na medida em que não contribuem para a superação dessa ordem de desigualdade. Temos crescimento econômico, científico e

tecnológico. Porém, as desigualdades sociais continuam sendo uma marca da sociedade brasileira.

Uma sociedade que avança em garantia de direitos, mas que se mantém descompensada pela continuidade de regimes excludentes, como o racismo e o machismo. Obtivemos avanços na agenda política? Sim, muitos. Porém, não o suficiente para destruir as mazelas deixadas pela escravidão e pela abolição inacabada. Com isso, surgem novas perguntas, indagações e proposições, sobretudo no que diz respeito à busca de visibilidade político-social e melhores condições de vida para mais da metade da população - os negros. (Ribeiro, 2008, p. 988)

Na contemporaneidade, os estudos sobre desigualdade racial, bem como os avanços políticos observados no interior de movimentos sociais (Movimento Negro), teriam colocado definitivamente em xeque o mito da democracia racial. No Brasil, o mito da democracia racial impediu durante vários anos o debate nacional sobre as políticas de ação afirmativa. Conceber a existência de racismo no Brasil ainda é um tema tabu para parte significativa

da sociedade brasileira. Além disto, devemos ser cautelosos quanto ao caráter generalizante, atribuídos às relações sociais (gênero, classe, raça), pois, existem particularidades nas teorias e critérios para a distinção do contexto de cada uma dessas relações.

No plano simbólico, o racismo manifesta-se na aceitação da crença da superioridade, entendida como natural, de um grupo racial sobre outro, do branco em relação aos não brancos. No plano estrutural, os diferentes segmentos raciais têm, sistematicamente, acesso desigual a bens materiais e não materiais, em razão do racismo constitutivo de nossa sociedade. Só é possível entender o racismo, de modo mais específico, se for analisado a partir de seus aspectos históricos particulares, em contextos espaciais, e temporais específicos.

O livro “Quando me descobri negra” trás ilustrações de Mateu Velasco, que são belíssimas, marcantes e fortes retratando cada capítulo. O livro não é grande e a leitura é muito simples e prazerosa, tem folhas pretas e a letra branca. A obra não é só para leitores negros se identificarem e sim para todos lerem, porque somos um país racista, a possibilidade dessa afirmação é relativamente recente e resulta de conquista histórica de movimentos sociais brasileiros, bem como de outras organizações governamentais e não governamentais e institutos públicas e particulares. Bianca Santana com firmeza de um processo de descoberta de um lado, doloroso e de outro, libertador e com “empoderamento”. Através de suas experiências, consegue magistralmente desvelar o racismo em seu cotidiano.

O livro também é disponibilizado espaço dedicado para os relatos de outras pessoas. Ali, é possível encontrar histórias diversas sobre a questão racial. O livro em três partes: Do que Vivi, Do que Ouvi e Do que Pari. De modo geral os textos são curtos e bem escritos e causam onde o racismo está sempre presente.

Na primeira parte, “Do que vi” Bianca Santana inicia relatando como se descobriu negra. “Tenho 30 anos, mas sou negra há apenas dez. Antes era morena. Minha cor era praticamente travessura de sol. Era morena para as professoras do colégio” (Santana, 2015, p. 13). Vale ressaltar que o quesito “cor ou raça” é adotado, nos registros administrativos, cadastros, formulários e bases de dados do Governo Federal desde dezembro de 2012. Es-

sa solicitação visa orientar os órgãos públicos federais na adoção de ações de promoção da igualdade racial previstas na Lei 12.288/10, que institui o Estatuto da Igualdade Racial e atende a uma das mais antigas reivindicações do Movimento Negro brasileiro. De acordo com o documento, a inclusão do campo “cor ou raça” deve ser feita conforme classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A bibliografia brasileira mostra que, no Brasil, por não ter ocorrido um sistema formal de segregação racial após a abolição da escravidão, e, portanto, uma definição legal da pertença racial, a hierarquização entre raças se deu pela aparência, traduzida na cor.

Outras histórias fazem compõem esta primeira parte, a saber: saudade do que poderia ter vivido; o racismo nosso de cada dia escancarado no meu cabelo; nem todo lugar é de preto; que corajosa por vir com esse turbante; posso te fazer um pedido?; desmonte; pelo gosto, pela cor e pelo cheiro. Entende-se que no cotidiano, das pessoas atos de preconceitos, discriminação e racismo hostilizam os cabelos crespos, a profissão, o fenotípico, a família. No que tange a família é importante destacar que a família não é uma instituição isolada. Está vinculada aos dramas da sociedade. É um produto social e cultural. Quando boa o suficiente, a família é um espaço de proteção e de resistência. A família protege quando cria as condições para que seus tenham estabilidade e segurança, dentro de um desenvolvimento integral. Portanto, a família interfere no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influencia o comportamento dos seus membros. Em síntese, sem pretender assumir a defesa da família, nem apresentá-la como um bem, um mal para todos os desafios, entendemos a fala da autora como um dos meios de compreensão da instituição familiar.

No que se refere ao racismo apreendemos que este ocorre em vários lugares, nos bares, em lugares públicos etc. Dentro e fora dos muros escolares. O racismo brasileiro não deixa de atuar apenas porque uma pessoa não se declara negra. Diferentes formas de desigualdade não atingem as pessoas durante sua trajetória de vida da mesma forma e com o mesmo impacto. Embora de modo diferente, as crianças estão expostas às mesmas estruturas e mecanismos sociais que os adultos, como

apreendemos nos estudos sociais da infância. Tais estruturas e mecanismos sociais se tornaram mais evidentes no decorrer de suas trajetórias de vida pessoal, escolar, profissional.

Na segunda parte do livro “Do que ouvi”, Bianca Santana apresenta varias interessantes e curtas histórias: mulher maravilha; livros para quem? Não me mexe com quem não anda só; O poder da palavra; Auto de resistência; Alemão; Eu sou morena e A patroa. Bianca Santana narra histórias verdadeiras de discriminação, preconceitos, estereótipos e racismo. Outra reflexão importante que apreendemos com estas histórias é que há um equívoco ao se considerar que o racismo brasileiro seja provocado apenas pelo preconceito racial interpessoal. Ações racistas podem ser provocadas sem que as pessoas concretas expressem preconceitos contra os negros. Negros podem viver o impacto do racismo institucional sem terem enfrentado, ou sem terem consciência, do enfrentamento de discriminação racial interpessoal.

Situações reproduzidas historicamente impulsionam o movimento feminista em busca de tratamento das questões vinculadas à vida privada como aspectos políticos, demonstrando a complexidade das relações sociais (como sexualidade, violência de gênero, trabalho doméstico etc.). Na luta por direitos, as mulheres buscam romper com a indiferença em torno de questões cotidianas trazendo-as como demandas para a esfera pública. (Ribeiro, 2008, p. 989)

Na terceira parte do livro “Do que pari”, a saber: A primeira crônica; Livre para amar

#sqn; Livro de (que) história? E que lugar seria? Revista; Desculpa Nati; Prevenção; E antes de me despedir. Nesta última, Bianca Santana deixa um recado: “Você se lembra de quando foi racista com uma preta ou um preto? Não precisa contar pra ninguém. Só tente não repetir” (Santana, 2015, p.94).

As mulheres negras em seu processo político entenderam que não nasceram para perpetuar a imagem da “mãe preta”, fizeram desaforos. Entenderam que desigualdades são construídas historicamente, a partir de diferentes padrões de hierarquização constituídos pelas relações de gênero e raça, que, mediadas pela classe social, produzem profundas exclusões. São combinações de discriminações que geram exclusões, tendo como explicação a perpetuação do racismo e do machismo. (Ribeiro, 2008, p. 988)

Por fim, assinalo que as histórias narradas por Bianca Santana se associam ao coro que questiona as desigualdades sociais e o racismo na sociedade contemporânea e colabora com essa luta.

Referencias

Santana, Bianca (2015). Quando me descobri negra. São Paulo: SESI-SP.

Ribeiro, Matilde. (2008). Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. *Revista Estudos Feministas*, 16(3), 987-1004. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300017>



MARCOS ANTONIO BATISTA DA SILVA

Doutor em Psicologia Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como participação no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE)/CAPES na Universidade de Coimbra no Centro de Estudos Sociais (CES). Pós-doutorando em Psicologia Educacional junto ao Centro Universitário FIEO, com bolsa PNPd/CAPES.

DIRECCIÓN DE CONTACTO

marcos.psico@yahoo.com.br

FORMATO DE CITACIÓN

Batista da Silva, Marcos Antonio (2017). Resenha de Santana (2015): Quando me descobri negra. *Quaderns de Psicologia*, 19(1), 115-117. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1391>